



## PRESS MONITORING

QUEM É QUEM NA FORMAÇÃO EM PORTUGAL

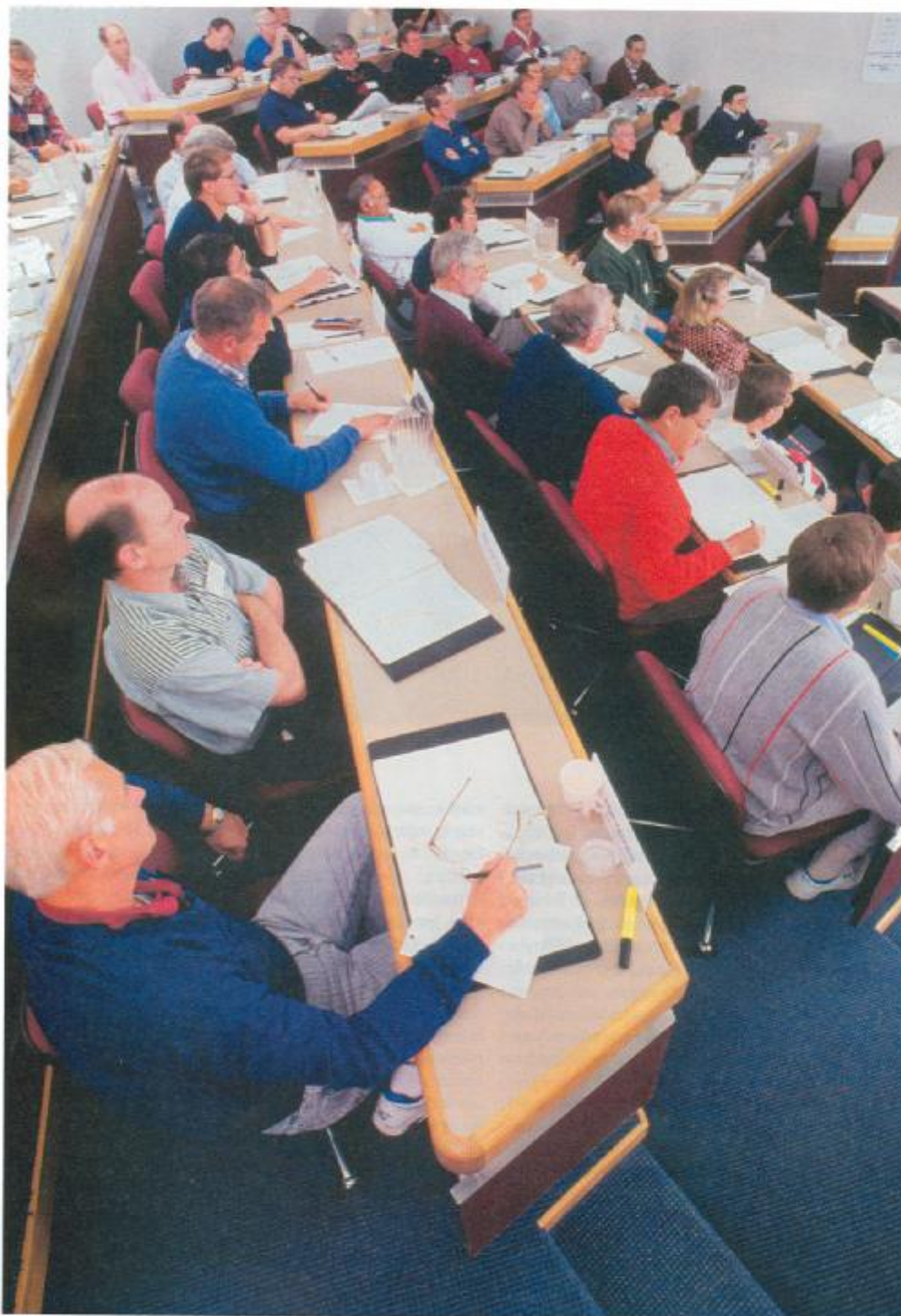


Foto: Cortês VNI

# Escolas adaptam-se às necessidades das empresas

**Bárbara Silva e Catarina Duarte**  
cduarte@economicasgps.com

Uma tendência que continua a marcar o negócio da formação de executivos, não só em Portugal mas em todo o mundo, é a formação à medida das necessidades das empresas, por oposição aos programas abertos. De acordo com o “Financial Times”, existem mais de cinco mil programas de formação de executivos à medida em todo o mundo, o que equivale a uma subida na ordem dos 25% nos últimos anos. No mercado português são cada vez mais as empresas (com as grandes empresas multinacionais e os sectores da Banca e Seguros a dominarem os pedidos) a optar por formação à medida, uma exigência acompanhada pelas escolas de gestão, que apresentam uma oferta cada vez mais diversificada.

Na interacção entre as universidades e o tecido empresarial reside uma relação de mais-valia para ambas as partes. O esforço de ligar as empresas às instituições de ensino é feito pelas Business School e muitos cursos são realizados a pedido de empresas que propõem às escolas a criação de programas ajustados às suas necessidades. É o caso da Escola de Gestão & Negócios da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), onde a maioria dos cursos é realizado e concebido em parceria ou com o apoio de associações profissionais ou empresas. “Os cursos partem das necessidades sentidas pelo meio empresarial e são adoptadas metodologias activas, assentes na resolução de problemas, análise e discussão de casos, simulações e elaboração de trabalhos, projectos e planos de negócios. Alia-se o rigor e a riqueza do saber universitário ao pragmatismo, experiência, linguagem, prioridades e ritmo do mundo empresarial”, explica Carlos Braga, director da Escola

de Gestão & Negócios da UAL. Na Universidade Católica (UC) a situação é semelhante: “Muitas empresas sabem que as pessoas são hoje o verdadeiro activo, capaz de criar vantagens competitivas, pelo que têm uma estratégia de investimento nos seus quadros que pode passar por apoiar a sua frequência em cursos de inscrição aberta ou na promoção de programas exclusivos para a empresa, concebidos à medida das suas necessidades”, diz Luís Cardoso, director da Formação de Executivos da UC.

Mas esta relação universidade/empresa é ainda ténue no panorama nacional. A aposta na formação de quadros é apenas uma das frentes desta interacção, mas o tecido empresarial não está a aproveitar o know how proveniente das universidades, defende um estudo da Faculdade de Economia do Porto, que concluiu que mais de 60% das empresas portuguesas não tem interesse em contactar com universidades para desenvolver os seus negócios. Os outros 40% só admitem um interesse moderado neste contacto se a iniciativa partir das instituições de ensino. A culpa desta falta de interacção é de ambas as partes, defende Aurora Teixeira, uma das autoras do estudo. “A lógica pela qual se regem universidades e empresas é completamente distinta. O nosso tecido empresarial é maioritariamente constituído por pequenas e médias empresas com pouca base tecnológica que não consideram a investigação das universidades necessária ao seu funcionamento. Por outro lado, o investigar tem tendência para procurar matérias de grande inovação mas com aplicações pouco práticas”, explica a professora. A solução passa pela construção de uma ponte entre os dois mundos, que para Aurora Teixeira poderá ser estabelecida pelos alunos que estão hoje a sair das universidades e que amanhã serão os quadros das nossas empresas.